

## Atemporalidade, tropos e a didática pós-colonial em *Des-Medéia*

Timelessness, tropes and the postcolonial didactics in *Des-Medéia*

Margarida Gandara Rauen – Margie Rauen<sup>1</sup>

Resumo: Este artigo situa a dramaturgia de Denise Stoklos em *DES-MEDÉIA* (1995) numa poética pós-colonial de resistência e terror, com notável atemporalidade associada ao tom didático da peça enquanto manifesto político. Argumenta-se que os efeitos duradouros emergem da recontextualização de três tropos, cuja universalidade também é observada: o da Medeia metáfora de mulher assassina e vingativa; o do bumerangue incerto e o do voto paraquedas.

Palavras-chave: Ativismo; Dramaturgia; Contradiscurso.

Abstract: This article locates Denise Stoklos's dramaturgy in *DES-MEDÉIA* (1995), in a postcolonial poetics of resistance and terror, with a stunning timelessness that is associated to the didactic tone of the play as a political *manifesto*. It is argued that the lasting effects emerge from the recontextualization of three tropes, the universality of which is also notable: the one of Medea as a metaphor of revengeful and murderous women; the dubious boomerang and the parachute ballot.

Keywords: Activism; Dramaturgy; Counter-discourse.

Este artigo nasceu de uma palestra que ministrei no evento *Sábados Literários*, na UNICENTRO, em 14 de maio de 2022, intitulada “De bumerangues, paraquedas e cadáveres 1995-2022: **DES-**

---

<sup>1</sup> Ph.D. e Teatro pela Michigan State University, E.U.A. 1987. Docente Sênior, Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UNICENTRO, Irati e Guarapuava, Paraná, Brasil. Pesquisadora Visitante (2022-23) e Associate Fellow (2023-2025) no Centro de Pesquisa sobre a América Latina e Caribe (CERLAC) da York University, Toronto, Ontario, Canada.

**MEDÉIA**<sup>2</sup>, de Denise Stoklos,” trabalho pensado no contexto das perdas de amigos e parentes, e das consequências pouco conhecidas da pandemia da Covid-19, entre março de 2020 e março de 2022. Milhões de pessoas morreram até as vacinas serem disponibilizadas em dezembro de 2020, no Reino Unido. Dada a incompetência do governo do Brasil para implementar a vacinação, foi marcante, para mim, o depoimento do Prof. Dr. Luiz Carlos Dias, do Instituto de Química da UNICAMP:

No Brasil, que ocupa o nada honroso segundo lugar em número de mortos pela Covid-19, atrás apenas dos Estados Unidos, a população brasileira, estarecida, assiste a uma briga política entre o presidente Bolsonaro e o governador de São Paulo, João Dória. O Ministro Eduardo Pazuello (Saúde) afirmou no dia 8/12/2020, [...] ‘Se houver demanda e preço, o governo federal irá comprar a vacina do Butantan’. Demanda? Precisa mais mortes e mais gente infectada e uma quarentena ainda mais prolongada?<sup>3</sup>

Esta e tantas outras denúncias de genocídio durante a pandemia me trouxeram ecos de **DES-MEDÉIA**, peça lançada por Stoklos, em 1995, mas ainda atual no Brasil das muitas declarações negacionistas e atos histriônicos do ex-presidente, o Jair das poses de atirador e saltos de paraquedas, em busca de adrenalina (Soares; Maia, 2019). Neste artigo, examino esses ecos e o porquê da atualidade da peça. Procuro demonstrar que a atemporalidade não resulta apenas da apropriação de um mito e da rehistoricização dos tropos existentes,

---

<sup>2</sup> **Des-Medéia**, título da peça de Denise Stoklos, publicada em 1995, tem acento agudo aqui reproduzido, embora o da peça de Eurípedes seja correto sem acento desde 2009, com a vigência do novo acordo ortográfico, a exemplo das traduções da **Medeia**, de Eurípedes, por Vieira (2010) e Barbosa (2013).

<sup>3</sup> Texto datado de 09/12/2020, disponível em <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/luiz-carlos-dias/momento-historico-tem-inicio-vacinacao-contra-covid-19-pelo-mundo>

os quais comento no primeiro tópico. Ela emerge da poética pós-colonial, atrelada ao valor didático deste monólogo-manifesto, conforme análise no segundo tópico.

## TIPOS DE APROPRIAÇÃO DE TEXTOS CANÔNICOS E ALTERAÇÕES DE ESTRUTURA.

Neste tópico, resumindo teorias basilares de adaptação (Hutcheon, 2012; Sanders, 2015), opto por iniciar frisando que a composição dramatúrgica segue procedimentos previsíveis e comuns nas obras cujo processo de criação busca transpor um texto canônico para os tempos atuais. O primeiro e o mais óbvio é o de corte ou enxugamento do texto, ajustando-o para

[...] um menor tempo de apresentação ou para destaque de algum aspecto do mesmo. Trata-se de: a) cortar falas e trechos, principalmente as descrições de espaço e tempo que podem ser substituídas por efeitos de luz e som; b) rever e eventualmente modificar as rubricas do texto de partida para atingir efeitos específicos na encenação; c) cortar sub-tramas para destaque da trama principal; d) cortar e/ou reorganizar cenas (combinando-se informação de várias cenas); e) cortar personagens secundárias (Rauen, 2005, p. 373).

Um segundo caminho é o da apropriação com foco em temas e situações atemporais e universais. O que é atemporalidade? Os verbetes de dicionários tendem a destacar que comportamentos e personagens com atemporalidade não são afetados pelo tempo, ou seja, não se modificam. Ao longo dos séculos, padrões atemporais também parecem ganhar caráter universal, um vício da mentalidade. Um exemplo típico são as práticas culturais do patriarcado, centradas na dominação masculina (Bourdieu, 2012). Assim, a dramaturgia de

peças atemporais e universais pode envolver os seguintes procedimentos gerais:

[...] a) a transposição do texto para uma época e/ou local atual, através de escolhas de adereços, figurino, cenário, música; b) a transposição das personagens para novas situações sociais e/ou políticas através da interpretação e de trabalho de ator/ atriz, sem modificar o texto [...]; c) a transposição da trama da peça para outra época e ambiente sócio-histórico, com implicações tais como atualização da linguagem e adaptação da dramaturgia em função da realocização (ex. mudança de nomes de personagens, mudança de referências geográficas e históricas) (Rauen, 2005, p. 374).

A **Medeia** de Eurípedes é um texto canônico, com uma extensa história de transmissão em traduções e apropriações literárias, teatrais e de cinema, muitas das quais são comentadas no livro **Medea in Performance 1500-2000** (Hall, 2001). Em consonância com os procedimentos já citados, algumas delas envolvem a recriação da peça ou transposição do texto integral para outra época, tal qual **A Gota D'Água**, de Chico Buarque e Paulo Pontes (1975). Selecionar um aspecto da trama, para desenvolver um novo texto ou roteiro é outra prática comum discutida por Sônia Aparecida dos Anjos (2014) em sua tese, na qual analisa o uso do *phármakon* (veneno ou remédio) por Medeia, em Eurípedes, e por personagens de Nelson Rodrigues (o médico Ismael e a branca Virgínia, em **Anjo Negro**) e de José Triana (María, em **Medea en el espejo**).

Denise Stoklos, apesar de incorporar reflexões geradas nas leituras de livros aos seus trabalhos de criação de cenas<sup>4</sup>, tende a contestar padrões de comportamentos atemporais e universais. Assim se processa a apropriação criativa com características de dramaturgia

---

<sup>4</sup> Depoimento em videoaula ministrada *online* por Denise Stoklos e assistida pela autora em 2016; link não disponível.

pós-colonial, envolvendo diversos outros procedimentos, numa dinâmica mais complexa de

a) discordar de e/ou questionar a mentalidade/ visão-de-mundo de uma peça e colocá-la em diálogo com uma mentalidade alternativa ou mais atual [...]; b) retomar um problema ou conflito de uma peça para discutir possíveis soluções ou ampliações dos mesmos em nova peça; c) escolher uma cena, personagem ou aspecto de uma peça para colocá-lo em diálogo com outra época, ideologia ou ambiente; d) modificar o gênero e/ou concepção geral da forma de uma peça [...]; e) re- ver o papel do público na peça (ex. ao invés de espectador passivo, torná-lo partícipe da ação) (Rauen, 2005, p. 378-379).

Muitos estudos voltados à análise comparativa de adaptações da **Medeia**, de Eurípedes, analisam o teor crítico e transgressor da dramaturgia de **DES-MEDÉIA**, tais como os artigos de Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho (2005), Luiz Gustavo Marques Ribeiro (2008/2019), Gilcimara Juliana Gabriel e desta coautora, ou o de Pedro Leites Junior e Lourdes Kaminski Alves (2013).

Para além do propósito de transgressão efetivado na dramaturgia de manifesto, a atemporalidade se desenvolve pelas conexões adquiridas pelo mito de 431 a. C, não somente até a transposição de **DES-MEDÉIA**, em 1993/1994, mas tendo em vista a sua recepção em 2022, no contexto da campanha eleitoral na qual Bolsonaro e Lula foram finalistas. Por sua vez, as conexões se dão por meio de três tropos<sup>5</sup> utilizados em **DES-MEDÉIA**: o da Medéia metáfora de mulher assassina e vingativa, mentora do esquartejamento e fritura do rei Pélias, autora do envenenamento de Gláucia e de seu pai, o Rei Creon, e autora do filicídio utilitarista dos filhos com Jasão, Merme-

---

<sup>5</sup> Etimologia: tropo vem do Grego *Tropos*. Existem três grandes grupos de figuras de linguagem: “1) de palavras ou Tropos, como a metáfora, a metonímia, a hipérbole; 2) de sintaxe, ou de construção frasal, como o anacoluto, a elipse; 3) de pensamento, como a ironia, a lítotes, a prosopopeia.” (Câmara, 1978, *apud* Claro, 2022, p. 9).

ros e Pheres; o do “bumerangue incerto” (Stoklos, 1995, p. 28), sugerindo um ato prejudicial a quem atira, por causa do efeito de volta dessa arma; e o do “para-quedas” (*sic* - Stocklos, 1995, p. 29) caindo como as cédulas de voto, em percurso pouco previsível, apesar de planejado. De que modo se processa, então, a atemporalidade desses tropos no Brasil de 2022 e, talvez, no mundo?

#### DOS TROPOS NA DRAMATURGIA DE 1995 AOS ANOS 2020

Enquanto os tropos caracterizam os dispositivos sustentadores da violência, a proposta didática da peça está no ensinar acerca da urgência de transformar o Brasil, evidente no manifesto do Coro, por Desmedeiar a alma brasileira:

Que a nossa Medeia, portanto, se desmedeie, se transforme, evolua, remedie-se o mito já, que se remede essa característica simbólica do perdurável escuro da natureza humana. Que aqui essa abordagem ao mito da paixão seja subvertido em um grito de: Remendéia, alma brasileira! Desmedeie-se! (Stoklos, 1995, p. 9).

Se, na peça, o “bumerangue incerto” (Stoklos, p. 28) representa a história de fracassos repetida num país que não consegue consolidar a democracia, o paraquedas a despencar como as cédulas de voto (Stoklos, p. 29) constitui as apostas feitas por uma população dividida de eleitores e eleitoras responsáveis por definir, num eterno jogo de esperanças frustradas, os nomes de quem venha a Desmedeiar o Brasil. E Desmedeiar significaria, também, frear todos os tipos de mortes violentas no país, mesmo sem contar com dados adequados sobre o problema:

Em suma, o crescimento das mortes violentas por causa indeterminada dificulta uma melhor compreensão da evolução da violência letal

no Brasil. [...] Além disso, os homicídios não computados também podem afetar os resultados de outras variáveis, reduzindo o nível de confiança das análises sobre juventude, homens e mulheres, negros e não negros, pessoas indígenas e homicídios por armas de fogo (Cerqueira *et al.*, 2021, p. 22).

Situar a recepção do texto historicamente é indispensável, pois, no discurso, o contexto define “[...] o plano do conteúdo exposto no plano da expressão. É na relação entre [...] denotação e conotação, que verificamos a transcendência do signo, na sua plasticidade, ao remodelar-se por uma significação extralinguística, por onde serão construídos os tropos de linguagem” (Claro, 2020, p.6).<sup>6</sup>

Em outras palavras, a atemporalidade é um efeito do discurso instaurado em decorrência da dinâmica polissêmica do signo e, na peça em discussão, dos tropos. Porém, o estado de atualidade não é definido somente pela intencionalidade estética de Stoklos na escolha de tropos (o uso de Medeia, do paraquedas e do bumerangue).

O vigor atemporal, nos fluxos de transmissão e recepção deste e de outros textos, resulta das leituras atravessadas por diversos posicionamentos e contextos culturais de leitores(as), diante da lógica do material artístico e dos lugares de ler/performar (ics) em diferentes contextos. Ao situar **DES-MEDÉIA** numa poética pós-colonial, percebo que essa dinâmica poderia incluir conexões com o repertório de conceitos e construtos advindos da leitura de outros textos. Destaco **As Origens do Totalitarismo**, no qual Hannah Arendt já mencionara, em 1949, o efeito bumerangue do imperialismo britânico na Índia e na África do Sul, e de certo modo nos países europeus, quan-

---

<sup>6</sup> Estudos atuais de Semiologia e Epistemologia, dedicados ao desenvolvimento de uma teoria de ressignificação, proporcionam a percepção e compreensão dos meandros da reconstrução de significados conciliando as teorias de Charles Sanders Peirce e Ferdinand de Saussure (Claro, 2020).

do elabora o surgimento da ralé/plebe na sociedade capitalista, gerando seus próprios tiranos: “O fato de que essa ralé pudesse ser manuseada somente por políticos imperialistas e inspirada apenas por doutrinas raciais fez crer que somente o imperialismo podia resolver os graves problemas domésticos, sociais e econômicos dos tempos modernos” (Arendt, 1989, p. 186/pdf).<sup>7</sup>

Para Elleke Boehmer, é indispensável reimaginar a poética como uma partitura, tal qual temos em música e dança: “[...] A Poética Pós-colonial vê o leitor/a leitora como intérprete daquela partitura, até mesmo como seu *performer* [...]” (Boehmer, 2018, p. 9 – minha tradução).

Por analogia, a partitura **DES-MEDÉIA** também é marcada pelo terror, outro traço temático de literatura pós-colonial discutido por Boehmer (2018). Mas não se trata do terror mediatizado dos inúmeros ataques de escala global nos anos 2000, incluindo o 9 de setembro de 2011. É o terror da violência sistêmica, inerente aos projetos coloniais e neo-coloniais. Aproveito a distinção de Boehmer entre a literatura pós-colonial com temática híbrida global e a de cunho resistente, na qual situo **DES-MEDÉIA**, com um certo compromisso de “[...] questionar e atacar os remanescentes coloniais, especialmente conforme expressados na globalização, e a desfazer colaborações coloniais e neo-coloniais...” (Boehmer, 2018, p. 70 – minha tradução). Apesar de a crítica pós-colonialista ter sua produção mais focada no sul e oeste da África e na Ásia, a aplicabilidade das teorias é óbvia para todos os continentes.

---

<sup>7</sup> Outros autores discutem o efeito bumerangue do imperialismo, em especial Aimé Césaire e Michel Foucault.



Desmedeiar, a rigor, implicaria conter tudo aquilo que continuamente permite analisar a atemporalidade de **DES-MEDEIA** no mundo, e não só no Brasil: a Medeia, mãe que não cuida, nutre ou protege, mas vista de uma ótica feminista, reproduz a cultura patriarcal de violência, espelhando o lado doentio de tantos países, as Pátrias assassinas de seus filhos e filhas. E são tantas as maneiras: os feminicídios; os crimes de racismo, de xenofobia, homo e transfobia; as invasões e os crimes em terras dos Yanomami e de outros povos indígenas; o tráfico humano e o abuso sexual de crianças e jovens; a fome; a pobreza; a manipulação política da educação.<sup>8</sup>

A didática de desmedeiar requer ativismos diversos ou, minimamente, exercer o direito ao voto, na esperança de que votos paraquedas possam quebrar os bumerangues dos sistemas oligárquicos, desarticulando a sua atemporalidade e universalidade e agregando novos verbos de luta contra a violência, todos com um potente hífen pós-colonial para des-cronizar/ des-saturnizar os homens devoradores de filhos, des-jasãoiar [sic] Jasões, des-iaguizar Iagos, des-barbazulizar os Barba Azuis opressores de mulheres, des-Beberibizar os Barões de Beberibe que seguem traficando e escravizando pessoas, desnaturalizar, enfim, as disposições adquiridas de autoritarismo, ganância, dominação e opressão.

---

<sup>8</sup> Vidas inteiras poderiam ser dedicadas ao jornalismo comparado, em pesquisas sobre o teor de notícias de jornais estrangeiros e brasileiros que cobriram os fatos horrorosos dos anos pré e pós 1964 no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

ANJOS, Sônia Aparecida dos. **Medeia em seus espelhos**: figurações do *phármakon* em Eurípides, Nelson Rodrigues e José Triana. Tese de Doutorado em Letras/ Literatura Comparada, Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Cia. das Letras, 1989 (1 ed. 1949).

BOEHMER, Elleke. **Postcolonial Poetics**. 21<sup>st</sup> Century Critical Readings. Cham: Palgrave Macmillan, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. 16. ed. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand, 2019 [1 ed. francesa em 1998].

BUARQUE, Chico; PONTES, Paulo. **A Gota D'água**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira [atual Record], 1975.

CERQUEIRA, Daniel (Coord.) *et al.* **Atlas da Violência**. São Paulo: FBSP, 2021.

CLARO, Marcus Vinicius dos Santos. Denotação e Conotação. A Teoria da Ressignificação aplicada aos Tropos de Linguagem. **Anais Eletrônicos do 17º SNHCT** /Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia. Rio de Janeiro: UNIRIO, Novembro de 2020, p. 1-14. Disponível em <  
[https://www.17snhct.sbhct.org.br/resources/anais/11/snhct2020/1599653634\\_ARQUIVO\\_286f9dd913086a03364ce38e303ec12a.pdf](https://www.17snhct.sbhct.org.br/resources/anais/11/snhct2020/1599653634_ARQUIVO_286f9dd913086a03364ce38e303ec12a.pdf)>

COELHO, Maria Cecília de Miranda Nogueira. Medeia: Metamorfoses do gênero. **Letras Clássicas**, [S. l.], n. 9, p. 157-178, 2005.

EURÍPEDES. **Medeia**. Tradução de Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa. Trupersa UFMG (org.). São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.

EURÍPEDES, **Medeia**. Tradução de Trajano Vieira. Edição bilíngue. São Paulo: Editora 34, 2010.

GABRIEL, Gilcimara Juliana; RAUEN, Margarida G. Questões de gênero e de Teatro Essencial na peça Des-medeia de Denise Stoklos. **Anais do 3º Salão de Extensão e Cultura da UNICENTRO**, 20 a 25 de setembro de 2010, p. 1-10, disponível em <[https://anais.unicentro.br/sec/iiiisec/pdf/trabalho\\_14.pdf](https://anais.unicentro.br/sec/iiiisec/pdf/trabalho_14.pdf)> Acesso em: 20 jun. 2023.

HALL, Edith. **Medea in Performance 1500-2000**. London: Routledge, 2001.

HUTCHEON, Linda. **A Theory of Adaptation**. Second edition. London: Routledge, 2012.

LEITES JUNIOR, Pedro; ALVES, Lourdes Kaminski. Denise Stoklos: the playwright thinker and the mimesis of production. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 22-32, 2013.

RAUEN, Margarida Gandara. Apropriação criativa dos cânones em novos roteiros e linguagens. Ilha do Desterro. **A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies**. Florianópolis, 2005, (49), p. 369-396. Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=478348687018>> Acesso em: 20 jun. 2023.

RIBEIRO, L. G. Denise Stoklos e Des-Medeia: a ruptura necessária. **DAPesquisa**. Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 1105-1112, 2008 [publicado em 2019]. Disponível em:

<<https://revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/15823>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

RODRIGUES, Nelson. **Anjo Negro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SANDERS, Julie. **Adaptation and Appropriation**. 2. ed. Londres: Routledge, 2015.

STOKLOS, Denise. **DES-MEDÉIA**. São Paulo: Denise Stoklos Produções Artísticas Ltda., 1995.

TRIANA, José. **Medea en el espejo**. Madrid: Editorial Verbum, 1991 [Havana: 1960].